

Pensar o Ser na poesia: Heidegger leitor de Hölderlin

Think of the Being in poetry: Heidegger reader of Hölderlin

Elnora GONDIM*

Oswaldino Marra RODRIGUES**

Resumo: Para Heidegger, a linguagem e, mais precisamente, a poesia são entendidas como o lugar privilegiado de manifestação do Ser. Nesse sentido, Hölderlin é, para Heidegger, o grande poeta, e a relação entre os dois é a mesma que aquela entre a filosofia do Ser e a poesia. Assim, Hölderlin abre poeticamente o lado oculto da história ocidental no sentido da sua verdade mais velada. E Heidegger vê na obra de Hölderlin um impulso para a linguagem elevar-se de um sentido cotidiano (o do discurso) tornando-se, dessa forma, um lugar privilegiado de manifestação do Ser.

Palavras-chave: Heidegger. Hölderlin. Poesia. Ser. Sentido.

Abstract: For Heidegger, language and, more specifically, poetry are perceived as privileged places for the manifestation of Being. In this sense, Hölderlin is for Heidegger the great poet per se, and the relationship between the two of them equals that between philosophy of Being and poetry. Thus, Hölderlin poetically reveals the hidden side of Western history in the sense of its most covert truth. Heidegger also sees the work of Hölderlin as an impulse to lift the language from its everyday sense (the speech), therefore making it a privileged place for the manifestation of Being.

Keywords: Heidegger. Hölderlin. Poetry. Being. Meaning.

Recebido em: 06/12/2009. Aceito em: 20/04/2010.

* Doutora em Filosofia, PUCRS. Professora Adjunta da Universidade Federal do Piauí. E-mail: elnoragondim@yahoo.com.br.

** Mestrando em Filosofia, MEE/UFPI/CAPEL. E-mail: dinomarra@terra.com.br.

1 Introdução

A pergunta fundamental que orienta o pensar de Heidegger é aquela sobre o sentido do Ser. Assim, a questão primordial não é o homem, mas o Ser em seu conjunto que sustenta e torna possível a abertura para a compreensão da existência humana. O Ser, que não é e não pode ser reduzido a um ente determinado, o isto ou o aquilo para o qual aponto o dedo, pode ser perscrutado pela linguagem poética e criadora. O Ser, pois, é transcendente em relação a qualquer coisa passiva de objetificação, de determinação.

Sob essa ótica, a *compreensão* que sustenta o pensamento de Heidegger está na reorientação do olhar e da escuta ao Ser; é procurar o liame entre o pensar, o Ser, o homem: a linguagem, a “morada do ser”, na qual mora o Ser e tem como guardiões os pensadores e os poetas (Heidegger, 2008, p. 326). Se na habitação da linguagem mora o homem, na poesia se encontram as mensagens do Ser. Nela ecoa a sua voz e por isso o homem, antes da fala, deve escutar o apelo do Ser. Dessa forma, será a palavra resgatada pela sua essência, a relação entre Ser e homem. A poesia, então, está relacionada com a questão do sentido do Ser e da verdade, e o poeta é aquele que escuta e perscruta o advir do Ser. Por isso, Heidegger conclama o poeta do qual emana a essência da poesia.

O poeta heideggeriano vive em um tempo que ocorre entre a geração decadente e as gerações que estão por nascer. Vive entre o celeste e o terrestre, entre o passado e o futuro, uma voz que significa uma alerta. Devemos ouvir o que nos dizem os poetas: a audição é prioridade que nos desvela o mundo em uma múltipla diversidade interior, porque os sons ecoam incessantes nos homens; assim, o poema é a morada do poeta ou o poeta é a morada do poema, com a diferença que este perdura.

Pela e por meio da poesia Hölderlin teve uma proximidade com o Ser. Isto ocorre pelo fato de que Hölderlin se utiliza do sentido da linguagem de uma forma mais radical, como também celebrou a natureza que é vista como os bosques, as aves, o céu, os homens e Deus.

Heidegger ausculta na poesia de Hölderlin o chamamento do Ser. Hölderlin é mensageiro do divino, canta a terra, a palavra do Ser e transporta com ele uma proximidade com os deuses e com as coisas, fundando o que permanece.

2 Quem foi Hölderlin?

Por que Hölderlin e não sua poesia somente? Porque no poeta de Lauffen a poesia e a vida estão entranhadas de tal maneira que formam um organismo no qual as partes compõem um só elemento: não é possível compreender a poesia de Hölderlin separada da sua vida, esta o reflete. Embora morto, subsiste na sua poesia o pensamento que pensou demoradamente o Ser – Hölderlin ficou-se interpelado pelo Ser “para dizer a verdade do Ser” (Heidegger, 2008, p. 326).

Friedrich Hölderlin nasceu a 20 de Março de 1770 em Lauffen, junto ao rio Neckar. Durante todo o século XIX ficou praticamente esquecido. Friedrich Nietzsche, porém, resgata sua poesia e chama-o de seu “*liebling Dichter*.” Heidegger, leitor de Nietzsche, encontrou em Hölderlin o manancial de água viva no qual embebia-se para o pensamento. Por intermédio de Heidegger, Hölderlin retornou ao mundo dos vivos e atualmente é considerado um dos maiores poetas líricos.

Friedrich Hölderlin estudou Teologia no seminário luterano Stift, em Tübingen, juntamente com Hegel e Schelling. Por intermédio de Hegel, Hölderlin consegue trabalho em Frankfurt, na casa do banqueiro Jakob Gontard, e na qual se apaixona por Susette Gontard, esposa de Gontard. É correspondido, mas a situação torna-se insustentável, e Hölderlin abandona Frankfurt e refugia-se em Hamburg. Posteriormente, em Bordéus, teve uma forte crise depressiva ao saber da morte de Susette Gontard, a “Diotima” de seus poemas. Pelos 36 anos seguintes, até a data da sua morte, ocorrida a 7 de Junho de 1843, permanece sob os cuidados de um dos seus grandes admiradores, o carpinteiro Ernst Zimmers, e da esposa deste.

3 Amostragem da poesia de Hölderlin

Para compreendermos a qual tipo de poesia Heidegger se refere, aqui apresentaremos uma

pequena amostragem do trabalho de Hölderlin:

“Natur und Kunst oder Saturn und Jupiter”

(Natureza e Arte ou Saturno e Júpiter)

*Tu governas sobre o dia e a tua lei floresce!
Tu seguras a balança, oh filho de Saturno!
E repartes os destinos e descansas, alegre,
Na glória da imortal arte de reinar.*

*Porém, os cantores dizem, para si, que outrora
Desterraste o santo pai, o teu próprio pai,
para
o fundo do precipício, e lá em baixo, lá, onde
Reconheces todos os direitos aos selvagens,
O deus da idade do ouro lamenta-se, há tanto tempo:
Outrora, quando ainda não proferia mandamentos,
Nem nenhum dos mortais o tratava por nome,
Ele era, sem qualquer esforço, tão poderoso como tu.*

*Para baixo então! Ou não te envergonhes de agradecer!
Se queres ficar, serve o ancião, e concede-lhe, de boa
Vontade, que seja nomeado pelos cantores
Diante de deuses e homens!*

*Abre os olhos! Pois assim como o teu relâmpago
Vem das nuvens, também dele vem tudo quanto é teu.
E assim testemunha perante ele tudo quanto lhe roubaste,
E que da paz de Saturno todo o poder cresceu.*

*E tenha eu no coração um sensação viva
E escureça tudo quanto tu moldaste
E que o tempo de mudança haja adormecido,
Para meu belo prazer, no berço dela:*

*Então reconheço-te, filho de Cronos! Então escuto-te,
Sábio mestre, que tal como nós, filho do tempo,
Decretas leis, e , ao mesmo tempo, anuncias
O que o santo crepúsculo esconde.*

*Andenken
(Lembrança)*

*O vento de nordeste sopra,
O mais querido entre os ventos,
Para mim, porque,
Com espírito fogoso,
Promete boa viagem aos navegantes.
Agora, vai e saúda o belo Garona
E os jardins de Bordéus,
Além, onde na margem estreita
Há um pontão, e o ribeiro se
Afunda na corrente; mas lá do cimo
Um nobre par de castanheiros
E álamos brancos observa o mundo.*

*Como bem me lembro
Da floresta de ulmeiros dobrando
O extenso cume, por sobre os moinhos.
No pátio, porém, cresce uma figueira.
Aos feriados, mulheres
Bronzeadas seguem
Por caminhos de seda,
Até ao tempo de Março,
Quando o dia é igual à noite,
E em cima de vagarosos pontões,
Pesados como sonhos de ouro,
Correm ventos harmoniosos.*

*Basta que me estendam,
Repleta de luz,
Uma das aromáticas taças
Para que possa descansar; pois doce
É a sombra do dormir.
Porém não é bom,
Que, sem compaixão, se pense
Nos mortos; mas é bom
Conversar-se e dizer-se o que nos
Vai no coração e ouvir muitas coisas
Sobre o dia do amor
E dos feitos que aconteceram.*

*Mas onde estão os amigos? Belarmino
Com os companheiros? Alguns
Têm receio de descer à fonte;
A riqueza começa no mar.
Eles, como os pintores,
Juntam a beleza da terra
E não receiam as asas da guerra,
E não temem viver sozinhos, anos
E anos, debaixo do mastro glabro, onde os
Feriados da cidade não iluminam a noite,
Nem se ouve o toque das cordas,
Nem os nativos dançam.*

*Mas agora, os homens
Foram ter com os índios, além,
Junto ao ventoso pico, nos vinhedos,
Onde o Dordonha desce
E junto com o Garona,
Largo como um mar,
Dispersa a corrente. E o mar
Tanto dá como recebe lembranças,
E o amor também se pega aos olhos*

*Mas o que fica,
É fundado pelos poetas.*

4 Por que Hölderlin?

Em linhas gerais, pois o tema é inesgotável, tentaremos apontar uma resposta para a indagação daqueles que se defrontam com o pensamento tardio de Heidegger: por que Hölderlin exerce tanta fascinação no pensamento de Heidegger? É conveniente lembrar que Heidegger escreve, entre 1936 e 1968, um livro intitulado “*Aclaraciones a la Poesia de Holderlin*”. Neste, Heidegger (2005, p.52) esclarece a razão pela qual Hölderlin ocupou um lugar privilegiado em seu pensamento:

[...] é exatamente na medida em que Hölderlin funda de novo a essência da poesia pelo que podemos dizer que determina um novo tempo. O tempo dos deuses fugidos e dos vindouros. É o tempo da penúria, pois se encontra numa dupla carência e negação: no já-não dos deuses fugidos e no todavia-não do deus vindouro.

Assim, quando Heidegger começa a pensar o Ser, depara-se e se une à convocação da

poesia de Hölderlin. É Heidegger (2005, p. 217) quem afirma que

A aclaração do poema deve tratar de tornar-se supérflua precisamente em prol do poetizado. Todavia o último passo de toda interpretação consiste em ocultar com suas aclarações ante o puro alçar-se aí diante do poema. O poema que assim se edifica em meio de sua própria lei lança já de si e de modo imediato uma luz sobre o restante dos poemas

E, em ampla medida, para compreendermos a posição da poesia de Hölderlin no pensamento tardio de Heidegger, nada melhor do que Gadamer (1981, p. 145):

E certamente Heidegger, num ponto decisivo de seu pensamento, o ponto da “virada” (*Kehre*), se arrisca conscientemente a incorporar a linguagem poética de Holderlin à consciência lingüística de seu próprio pensar. O que deste modo lhe foi possível dizer, constitui, para esse perguntar seu que se remonta ante a metafísica, o firme solo e fundamento sobre o qual encontra positiva satisfação sua crítica da linguagem e da metafísica e explicita toda destruição dos conceitos tradicionais.

5 Heidegger e a aniquilação da coisa

O que moveu Heidegger para que o fizesse buscar a poesia? O aniquilamento da coisa pela ciência moderna. Por meio desta, a coisidade da coisa foi paulatinamente velada sob a concepção da verdade imposta pelo ente, permanecendo oculto o sentido e a verdade do Ser dos entes. Por esse motivo, a coisidade da coisa determinada como imagem não chega a ser mostrada, menos ainda falada. Porém, esse fato aconteceu com e na ciência moderna em virtude da herança deixada pela metafísica grega, onde o ente foi tratado como presentidade. Portanto, segundo Loparic (2007,p.51):

Na sua segunda fase, Heidegger passa a considerar a poesia um exemplo paradigmático de uso não-objetificante da linguagem. “O dizer poético”, escreve ele, “é um ser presente a .. e para Deus. Ser presente significa: um simples estar de prontidão que nada quer, que não conta com êxito algum. Ser presente a ...: puro deixar-se dizer a presença de Deus”

(1976, GA 9, p. 78). Heidegger acrescenta: “Em um tal dizer nada é posto ou representado como objeto. Aqui não se encontra nada a que um apanhar e abranger representacional pudesse se contrapor [como sujeito a um objeto]” (id.). A verdade do dizer não é definida como uma relação de concordância determinante, mas como um desocultamento que deixa ser. A obrigatoriedade não implica agir (fazer algo), mas ser e deixar ser. A moral dessa posição permanece a mesma que a do primeiro Heidegger: insistir em expressar a nossa presença originária a coisas e aos outros usando os recursos da linguagem objetificante - tratando de nós mesmos e dos outros em termos de relações teóricas ou práticas, externas ou internas - significa não deixar ser e, nesse sentido *ontológico-lingüístico*, ser intolerante.

Desde Platão até Kant, os entes são tratados como aquilo sobre o que se julga e não como coisas. Na filosofia kantiana, por exemplo, através da lógica transcendental, será colocado um conceito de Ser que pode ser definido por meio dos juízos sintéticos a priori. Assim, tudo é dito como objetividade, pois é o homem quem impõe as suas categorias e intuições aos objetos. Por essa via, Kant supriu as lacunas que a filosofia grega deixou, isto é, a filosofia grega não elaborou com precisão de que forma as coisas seriam determinadas, apenas determinava a constituição ontológica dos entes pela constituição dos juízos. Kant, através de sua revolução copernicana, supriu a lacuna deixada pelos gregos e, com isso, o modo de acessar os entes recebeu a formulação que caracteriza a época moderna. Aqui, o ser humano ocupa o centro de tudo e é ele quem determina, enquanto fundamento das condições de possibilidade para toda experiência possível através das formas, de maneira a priori e transcendental.

Heidegger, contudo, buscando superar a estrutura ontológica da estrutura lógica dos juízos, intenciona uma articulação do sentido no mundo da vida. Assim, a verdade transcendental heideggeriana é o mundo enquanto clareira para o *Dasein*, onde este é a condição de possibilidade existencial ontológica da manifestação dos entes.

Dessa forma, Heidegger abandona o sujeito transcendental kantiano, embora preser-

vando o campo transcendental. Portanto, o que Heidegger nega é a verdade fundada e oriunda no juízo, ou seja, nos princípios do entendimento. Preserva, contudo, como resquício da filosofia kantiana, a noção do *a priori*, no sentido de que o *Dasein*, o não-ser de si mesmo, o fundamento da existência ontológica das descobertas do ente enquanto ente e de todas as suas determinações ônticas. Nesse sentido, na filosofia heideggeriana, o lugar do juízo passa a ser ocupado pelo mundo vivido e concreto, a facticidade.

Nas conferências dos anos 1930, Heidegger lança a questão sobre a coisa e levanta o problema de como as coisas podem ser vistas tendo dois parâmetros diferentes: o do senso comum e o da Ciência.

Heidegger coloca três sentidos para a palavra *coisa*, são eles:

- (a) o Ser simplesmente dado.
- (b) o Ser dado mais acontecimentos.
- (c) um algo que não seja nada;

Quando Heidegger se pergunta “o que é uma coisa”, responde de forma negativa dizendo: ela não é uma proposição.

A coisa é uma mudança de questionamento e avaliação. Coisa é algo que reúne a quadratura – ou seja, terra, céu, deuses e mortais – e o poeta é a voz da própria coisidade da coisa levada ao homem.

Nesse sentido, o mundo é um agitado jogo de espelhos desses quatro itens. Dessa forma, Heidegger não trata de presentidade, mas de coisas. Assim, os quatro elementos pertencem uns aos outros unificados nessa quantidade. E somente dessa maneira pode-se falar no Ser coisa da coisa.

É nessa perspectiva que, segundo Heidegger, Hölderlin recebe um ditame. Por esse motivo, o poeta não foi o autor dos seus hinos. O que ele fez foi ouvir as palavras do Ser, pois os hinos de Hölderlin são as manifestações de algo. Eles não são nem crianças, nem imaginação e

nem representações. Falam sobre o espaço e o tempo do Ser, formando a própria manifestação do invisível. Assim, o poeta é aquele que pensa o fundamento e, por esse motivo, Hölderlin capta a ressonância das coisas onde elas não são conceitualizadas, onde nada encaminha, mas somente indica. A poesia é, então, ditada onde a palavra é um ditame indicativo. Assim, Hölderlin está exposto à dominância do Ser, fundamento vital não descritivo.

Heidegger, dessa forma, influenciado por Hölderlin, afirma que tem que mudar a relação do homem com a linguagem, porquanto a palavra precisa ser escutada e é nesse momento que o dizer poético funda o Ser, pois a “linguagem é a morada do Ser”. No dizer poético, a natureza é instaurada e ocorre o poder essencial da totalidade.

Dessa forma, os poetas são mensageiros, sentinelas e observadores de tudo o que ocorre no mundo. Eles captam os sinais, escutam a voz silenciosa do Ser e, por esse motivo, estão entre os homens e os deuses. Assim, a poesia é dádiva e os poetas são os guardiões da morada na qual habita o homem.

6 Considerações finais

Mas, então, como ocorre a ligação de Heidegger e a poesia? Para se entender a segunda fase do pensamento de Heidegger, segundo Loparic (2005, p.217), é necessário saber que

A partir de 1930, esse panorama muda e Heidegger começa a perceber que o que caracteriza a nossa época não é o cotidiano caseiro, analisado em *Ser e Tempo*, mas a técnica [...] A leitura de Jünger levou Heidegger às seguintes conclusões: 1) que a sua fenomenologia da facticidade (do cotidiano) de 1927 é ainda ingênua, 2) que ela não representa um ponto de partida adequado para formular a questão do ser nos dias de hoje, 3) que a técnica moderna, pensada no horizonte da metafísica nietzschiana da vontade de poder, é o sentido do ser que prevalece, 4) que, portanto, Nietzsche é o pensador decisivo a ser consultado em qualquer tentativa de compreender e ultrapassar esse sentido do ser. Essas conclusões levaram Heidegger a constatar o fracasso do projeto de repensar o sentido de ser em

termos da ontologia fundamental, exposta em *Ser e Tempo*.

Todavia, o abandono da analítica existencial do *Dasein* significa que Heidegger percebeu que através da analítica dos modos do *Dasein* não se pode dar conta da questão do Ser. Por isso mesmo, Heidegger opera um giro em seu pensamento: a noção de linguagem eleva-se de um sentido cotidiano (o de discurso) para se tornar um lugar privilegiado de manifestação do Ser, isto é, passa-se da pergunta pelo sentido do Ser para aquela sobre a verdade do Ser.

Assim, a partir das conferências dos anos 1930, ocorre uma reviravolta (*Kehre*) no pensamento de Heidegger. Nessa perspectiva, após constatar que a ênfase na técnica resultou no abandono do Ser, Heidegger, então, lança a questão sobre a coisa e levanta o problema de como as coisas podem ser vistas. É por esse prisma que Heidegger propõe a poesia como um caminho para o retorno à exigência original do pensamento: a linguagem e, mais precisamente, pela poesia, são entendidas como o lugar privilegiado de manifestação do Ser.

Dessa forma, Hölderlin é para Heidegger o grande poeta e a relação entre os dois é da mesma forma que aquela entre a filosofia do Ser e a poesia. Portanto, segundo Benedito Nunes (2000, p.103):

Por que Hölderlin será, para Heidegger, o Virgílio disponível, a guiá-lo, tal como guiou Dante, na *Divina Comédia*, numa espécie de ritual de passagem, à região onde colherá o “ramo de ouro” da palavra poética? Jamais se explicará a predileção do filósofo por Hölderlin; pode-se, sim, elucidar porque o escolheu num determinado momento, logo após a sua renúncia à reitoria da Universidade de Freiburg in Brisgau, quando começara o seu dissídio com a ideologia política do NSDAP.

Escolheu-o mediante três razões que ele próprio enumera na seguinte ordem:

1) Hölderlin é o poeta do poeta e da poesia. 2) Simultaneamente, Hölderlin é o poeta dos alemães. 3) Como Hölderlin é tudo isso, poeta do poeta enquanto poeta dos alemães, de ma-

neira latente e difícil, ele ainda não se tornou potência na história de nosso povo. E como ainda não é, é preciso que assim se torne. Contribuir para isso é fazer “política”, no sentido mais alto e próprio do termo, a tal ponto que quem conseguir obter alguma coisa nesse terreno, não terá necessidade de discorrer sobre o “político”. (Heidegger 1980, p. 214)

Assim, Hölderlin abre poeticamente o lado oculto da história ocidental no sentido da sua verdade mais velada. Nesta perspectiva, Heidegger vê na obra de Hölderlin um impulso para a linguagem elevar-se de um sentido cotidiano (o do discurso) tornando-se, portanto, um lugar privilegiado de manifestação do Ser.

Então, de que maneira o homem forma uma relação com o Ser? A resposta, de acordo com Beaini (1981, p. 80), seria:

A primeira relação para com a linguagem (que é a de ouvir antes de falar, o dizer silencioso do ser – condição de possibilidade para todo o falar humano) é obtida pelo pensador e pelo poeta, que, assumindo-se, captam a dimensão de seu existir-no-mundo. Esta, inacessível aos homens que não estão prontos a ouvir o apelo do ser [...] A missão do homem no mundo é a de, ouvindo o apelo do ser, torná-lo palavra, no ato mesmo de fazer nascer o mundo e as coisas.

No entanto, o homem não sabe ouvir o silêncio, porquanto este está velado pela técnica que medeia e interpõe-se entre o homem e o Ser. Para Heidegger, a técnica sempre impõe e determina o nosso agir, pensar e conduzir. Ela nos substitui em nossas decisões, porquanto nos oferece tudo delimitado. Como resposta para tal situação de aniquilamento e manipulação, Heidegger propõe que sejamos “pastores do Ser”, “cuidadores do Ser” e para tanto como afirma Critelli (2002, p.89):

A abertura ao inaudito, a passagem pelo silêncio, a ausência de referências do novo possível significam, em última instância, a reintegração da mais essencial determinação do nosso ser, a reintegração da posse de nós mesmos, da nossa condição de encarregados pelo ser. Que a técnica nos auxilie, mas não nos retire de nós mesmos.

Referências

- BEAINI, Thaís Curi. *À escuta do Silêncio: um estudo sobre a linguagem no pensamento de Heidegger*. São Paulo: Cortes/Autores Associados, 1981.
- CRITELLI, Dulce. *Martin Heidegger e a essência da técnica*. São Paulo: Margem, 2002.
- GADAMER, G. Hegel y Heidegger. IN: *La dialéctica de Hegel*. Madrid: Ediciones Catedra, 1981.
- GIODANI, Mário Curtis. *Iniciação ao existencialismo*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GONDIM, Elnora y RODRIGUES, Osvaldino Marra. O Transcendentalismo de Heidegger. *Revista El Gênio Maligno*, Madrid, N° 5, 2009.
- HEIDEGGER, Martin. *Marcas do caminho*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. *Ensaaios e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- _____. *Aclaraciones a la Poesia de Holderlin*. Madrid: Alianza, 2005
- _____. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. *Identidade e Diferença*. São Paulo: Livraria duas cidades, 1978.
- HÖLDERLIN, Johann Christian Friedrich. “Natur und Kunst oder Saturn und Jupiter” (Natureza e Arte ou Saturno e Júpiter). Trad. Luís Costa. Disponível no site: <http://www.revista.agulha.nom.br/ag58holderlin.htm>
- _____. “Andenken” (Lembrança). Trad. Luís Costa. Disponível no site: <http://www.triplov.com/poesia/Luis-Costa/2009/Holderlin.htm>
- JASPERS, Karl. *Iniciação filosófica*. Tradução, Manuela Pinto dos Santos, Lisboa: Guimarães, 1987.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- LOPARIC, Zeliko. *Da representação das coisas as coisas mesmas*. Representaciones. Vol 1, 2005.
- _____. *Objetificação e intolerância*. *Nat. hum.*, jun. 2007, vol.9, no.1, p.51-95
- NUNES, Benedito. *Heidegger e a poesia*. *Nat. hLum.*, jun. 2000, vol.2, no.1, p.103-127.
- RESWEBER, Jean-Paul. *O pensamento de Martin Heidegger*. Coimbra: Almedina, 1979.
- WERLE, Marco Aurélio. *Poesia e pensamento em Hölderlin e Heidegger*. São Paulo: EDUNESP, 2005.